

FORTALECENDO A MÍSTICA, A PARTIR DE UMA LEITURA AFRO-DESCENDENTE DE Gn 1,1–2,4a

Ana Luisa Alves Cordeiro*

Nos tempos da escravidão africana no Brasil, negras e negros sob dominação física e ideológica encontraram em seus cantos e danças a memória de tempos de liberdade e felicidade. Canto, atabaque, dança e comida, foi o que restou para este povo exilado à força de sua terra, de seu chão.

Entre chibatas, sol quente, corpo violentado, este povo cantou e dançou a saudade de África. De exploração em exploração, este povo alimentou a memória da resistência e sonhou com a quebra das correntes, com terras de liberdade.

A memória alimentada fortaleceu os laços e os passos, animou e encorajou a fuga, o sonho de libertação. Na memória estava a certeza de que nem sempre foi assim, de que em África não era assim. E quilombos brotaram por este Brasil, espaços de resistência, de luta pela sobrevivência em país estrangeiro.

Olhar para os homens e mulheres israelitas exilados na Babilônia (587 a 539 aC), também explorados física e ideologicamente, ecoa na América Latina a realidade histórica de escravidão e genocídio, indígena e africano.

Rer Gênesis 1,1–2,4a, chamado de primeiro relato da criação, a partir dos corpos de mulheres negras e homens negros, é pisar em chão Babilônico e contemplar grupos israelitas, na dor de ser arrancado de sua terra, de ver suas coisas destruídas e seus sonhos despedaçados, é comungar em realidades e sentimentos semelhantes. “Este texto é grito dos pobres, é saber de gente deportada, escravizada sob as garras de um Império, é consciência em meio ao conflito”¹.

A poesia que brota em meio ao conflito, à dominação, em seu movimento e dinâmica alimenta nossa vida, anima nossas causas mais profundas, nossas resistências e nossos sonhos.

Sob o jugo do dominador

A perícopes de Gênesis 1,1–2,4a provavelmente recebeu sua redação final na época do exílio babilônico, quando o exército de Nabucodonosor deportou a elite de

* Mestranda em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Goiás – UCG. Teóloga feminista e negra. Assessora do Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. E-mail: analuisatri@yahoo.com.br

1. SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança*. Meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, p. 35, 1989.

Judá e Jerusalém, em 597 e 586 aC. “Gente deportada e desenraizada se expressa através de Gênesis 1”².

São pessoas “às margens dos rios da Babilônia” (Sl 137,1) que interpeladas diante da situação de opressão se vêem provocadas a articular sua fé e sua religião. Desta forma, Gênesis 1,1–2,4a surge como “a voz de um dos milhares de povos e grupos massacrados e espoliados pelo imperialismo babilônico”³.

“Ex-sacerdotes e ex-cantores do templo de Jerusalém terão dado forma final à poesia”⁴. O texto ganha cunho profético e caráter de denúncia diante da opressão Babilônica, na contramão do poema acádico *Enuma elish*⁵, que procura justificar a supremacia do deus Marduk sobre os outros deuses do panteão Babilônico.⁶

Marduk era representado no astro sol, sendo que na religião do Império Babilônico as divindades eram representadas por astros. Marduk era a justificação religiosa para a violência imperialista da Babilônia que, como um rolo compressor, esmagava e subjugava inúmeros povos. Neste contexto, Gênesis 1,1–2,4a vem desautorizar tais divindades babilônicas. “Para seus autores, em todo caso, tanto faz seguir o sol, lua ou estrelas. Pois tudo isso não são deuses. São partes da criação com tarefas específicas”⁷.

Assim é desfeita a lógica religiosa e simbólica que alimentava o dominador e é refeita a memória do Deus libertador, de épocas de libertação.

Corpos cansados pela dominação recebem novo vigor para gritar suas dores e injustiças. Esperanças são re-encantadas, a mística de sentir-se povo de Javé é re-afirmada em contexto opressor.

Mãos livres e mentes despoluídas

Mais difícil que se libertar das amarras físicas é libertar-se da ideologia do dominante. Mãos e pés só avançam na libertação, com mentes despoluídas da lógica opressora.

De nada adianta sair do jugo opressor e reproduzir a opressão. Muitos afro-descendentes libertaram-se das correntes com as mentes poluídas pela ideologia do homem branco e europeu; pensando que estavam conquistando seu “espaço”, abandonaram a memória de tempos diferentes e reproduziram os mesmos esquemas de opressão. Não foi diferente com os israelitas que retornaram do exílio em Babilônia para Israel, muitos dos quais vão reproduzir uma lógica opressora e excludente, contra os camponeses, as mulheres e os estrangeiros.

2. SCHWANTES, M. *Projetos de Esperança*, p. 27.

3. SCHWANTES, M. *Projetos de Esperança*, p. 27.

4. SCHWANTES, M. *Projetos de Esperança*, p. 28.

5. “Enuma Elish” são as duas primeiras palavras de um poema acádico, composto provavelmente por volta do século XIV ou XIII aC. O poema de mais de 1.000 versos foi escrito em 7 tabuinhas e conta os feitos do grande deus Marduk, justificando assim o fato dele ter se tornado o senhor de Babilônia, cidade a ele consagrada e na qual se encontrava um grande templo a ele dedicado.

6. REIMER, Haroldo. *Toda a Criação*. São Paulo: Oikos, 2006, p. 27.

7. SCHWANTES, M. *Projetos de Esperança*, p. 31.

Também não é diferente nas questões de gênero onde também algumas mulheres, pensando conquistar seu “espaço”, assumem o jeito de ser do homem, em nada se diferenciando da forma de poder masculino.

Mentes poluídas impedem que os caminhos de verdadeira libertação sejam trilhados. O diferencial precisa estar no sentido que damos à vida e às coisas. Esta mística interior precisa ser fator de mudança, de movimento, de transformação, de um jeito diferente do opressor. “A experiência de exílio na Bíblia nos anima e encoraja para continuarmos a buscar criativamente alternativas de promoção da vida, num contexto em que as forças da morte parecem vencer”⁸. Libertação é sinônimo de transformação interior e coletiva, sinal de corpos e mentes libertos.

Desfazendo a lógica opressora

Os ex-sacerdotes no exílio descobriram que os escritos e a observância da Lei eram fatores de unidade entre o povo cativo na Babilônia, função que antes era realizada pelo templo em Jerusalém, agora em ruínas. Diante da trágica realidade foi preciso rever e visitar os escritos sagrados para explicar a realidade que estavam vivendo.

Da mesma forma hoje, quando nós, negros e negras, precisamos redescobrir na Bíblia uma outra história, de não opressão, justificada pelo sagrado. Comunidades negras cristãs vêm com muita audácia e coragem reconstruindo uma outra história da presença de Deus no meio de seu povo.

Rer a Bíblia a partir de seus corpos de mulheres negras e homens negros tem sido caminho de libertação, não só de seus corpos mas do próprio texto, que ao longo de séculos foi lido somente a partir da perspectiva do homem, branco, rico e europeu.

É preciso redescobrir aquilo que é fator de unidade quando estamos cativos, privados de nossa liberdade. É preciso redescobrir nossos corpos no texto, pois as leituras racistas e preconceituosas da Bíblia “são estratégias para retirar do negro o *status* de humanidade. Talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade”⁹.

Como povo negro, desfazer a lógica opressora de uma leitura racista da Bíblia é algo desafiador. É quebrar com cadeias ideológicas de preconceito, justificadas com Bíblia e reproduzidas nos espaços sociais e religiosos. É desfazer esta lógica que está presente dentro de nós mesmos, a lógica de uma ideologia que fez do povo negro o não-povo (processo colonial), a não-pessoa, uma simples coisa, peça que se escraviza, o não-cidadão, da senzala para a favela, o não-digno, não-inteligente, não-puro, inferior e desprezível, pelo simples fato de ter a pele negra, e o não-filho/a de Deus, filho/a

8. GASS, Ildo Bohn (org). *Exílio Babilônico e dominação Persa*. 2ª ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, V. 5, 2005, p. 10.

9. GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

da maldição de Caim (Gn 4,1-24) e presa do demônio¹⁰. Desfazer a lógica opressora é romper com as cadeias que exilam e excluem os negros e as negras de uma vida digna e plena.

A contribuição que grupos¹¹ vêm dando à leitura da Bíblia, a partir da negritude, possibilita através de uma postura política a “construção de um ‘nós’, de uma história, de uma identidade”¹² diferente da que nos foi imposta.

A leitura da Bíblia na perspectiva negra, que surge na América Latina, busca ressignificar a Bíblia a partir de novas perguntas, de novos lugares e de novos sujeitos¹³.

“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”

“Homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27) e viu que era muito bom. A expressão “muito bom” não desmerece a dignidade dos outros elementos da criação, mas delega ao homem e à mulher a responsabilidade de cuidar e ser co-criador/a.

Afirmar que o corpo de ser humano, o corpo de homem e de mulher, é criação de Deus e é algo “muito bom”, é restaurar a dignidade do corpo espoliado, sugado e oprimido pelo Império Babilônico. É reafirmar uma outra perspectiva, onde todos e todas têm o direito de viver em seus corpos, plena e dignamente.

Da mesma forma as mulheres e os homens africanos, com seus corpos vendidos e massacrados pela escravidão, tratados como mercadoria e coisa, como sujeitos a-históricos ou propriedade de outro, “não deixaram de praticar ações e reações que denotassem a sua presença: os negros com suas fugas pela liberdade e os indígenas com a resistência à escravidão... uma luta pela manutenção da própria identidade”¹⁴.

Também hoje, os/as afro-descendentes precisam apropriar-se da dignidade de seu corpo de homem negro e mulher negra, como criação de Deus, como filhos e filhas de Deus, agentes sociais da transformação. Contemplar-se, acolher-se, afirmar-se como ser humano e ver que tudo isso é “muito bom”.

Um outro mundo possível se dá não na homogeneidade, mas na diversidade, na convivência respeitosa e madura em meio às diferenças. Por isso hoje, para os/as

10. BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000.

11. Por exemplo, Grupo Identidade, formado por negros e negras da Escola Superior de Teologia – EST, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que realiza pesquisas em história e religião negras. Fundado em 1995, por Peter Nash. Outro exemplo, o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, que surgiu em 1979 e promove uma leitura popular da Bíblia. É válido ressaltar também o Seminário que aconteceu em 2005, em Guarulhos/SP, com o tema “*Leitura da Bíblia na Perspectiva da Negritude*” numa parceria entre o Centro de Atabaque de Cultura Negra e Teologia de São Paulo/SP, o Grupo Identidade da EST e o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI.

12. GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

13. SILVA, Sílvia Regina de L. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: *Negra sim, Negro sim, como Deus me criou, leitura da Bíblia a partir da perspectiva da negritude*. São Leopoldo: CEBI, 2006, p. 29.

14. CORDEIRO, Maria José de J.A. As diferenças culturais e a educação na (re)construção da identidade étnico-racial. I Seminário Internacional Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão – Práticas Educativas num Contexto Intercultural. Campo Grande, MS. UCDB: Publicado no CD – ISBN 7598-108-0, agosto de 2006.

afro-descendentes, recuperar a memória e a história de seu povo, assumindo sua negritude transforma-se “em um compromisso político, compromisso de transformação da sociedade”.¹⁵

“Com a Bíblia, chegou-se a justificar a escravidão, a inferioridade de negros e indígenas e até hoje, utilizando a Bíblia, quer-se justificar a dominação entre grupos humanos, gêneros, povos e nações”¹⁶. A leitura da Bíblia a partir das mulheres negras e homens negros é um meio de desconstrução do uso da Bíblia como instrumento de dominação de uns sobre os outros; esta leitura quer desmascarar toda opressão a partir do sagrado.

O projeto da criação presente na poesia de Gn 1,1–2,4a é um projeto de coletividade, numa perspectiva ecológica de cuidado da casa comum, onde homens e mulheres, juntos, dão continuidade aos gestos do Criador. É na coletividade, homem e mulher, crianças e idosos/as, jovens e negros, indígenas e brancos que a criação poderá ser contemplada e experimentada como dom, e poderemos como o Criador afirmar que tudo é bom e muito bom.

“E no sétimo dia descansou”

“Depois concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou... Deus abençoou o sétimo dia e o santificou” (Gn 2,2-3). Deus santifica não um lugar, mas um tempo de descanso. O sétimo dia era uma reivindicação do povo deportado na Babilônia, que clamava pela dignidade de seus corpos. “O tempo de descanso é um projeto de vida do Criador, para si e para toda a criação”¹⁷.

Este tempo abençoado é o grito, a reivindicação de pessoas submetidas à opressão, ao trabalho intenso e escravizante. É voz dos pobres ontem e hoje, numa sociedade voraz, que esmaga corpos, sonhos, convivências.

Reivindicar tempos de descanso é reivindicar os espaços de memória, de convivência, de partilha, de prazer pela vida. É criticar um sistema que faz de nossos corpos meros instrumentos do trabalho, da produção capitalista. É reavivar uma dimensão bem mais profunda do ser humano, o prazer de viver. É alimentar aquilo que verdadeiramente dá sentido à vida e às coisas.

O sétimo dia, enquanto tempo de descanso, engloba toda a criação e se dá na coletividade que anseia por realidades diferentes da opressão, do preconceito e intolerância. É o tempo dos tempos, onde a vida é mais vida, onde ser e estar com os outros nos faz plenamente humanos. É tempo de memória ao som dos atabaques, no pulsar do coração da mãe terra.

15. SILVA, Sílvia Regina de L. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: *Negra sim, Negro sim, como Deus me criou, leitura da Bíblia a partir da perspectiva da negritude*. São Leopoldo: CEBI, 2006, p. 31.

16. *Ibid.*, p. 35-36.

17. REIMER, Haroldo. *Toda a Criação*. São Paulo: Oikos, 2006, p. 62.

Como povo negro é perceber a existência como liberdade e não como escravidão, sentir-se humanidade não a partir da definição dos opressores, mas do próprio Deus. É apropriar-se dos valores, da dignidade, da identidade e da auto-estima como pessoa negra, mesmo através de um livro que foi usado para excluir e oprimir. É através dessa resignificação da história bíblica que nossa história trilha novos caminhos¹⁸.

O sétimo dia é o ápice da obra de criação, é tempo abençoado e santificado por Deus, um espaço de organização da vida de “encontro das pessoas entre si, com o seu passado e com o próprio Deus”¹⁹, pois da memória é que brota o futuro.

Considerações finais

Esta releitura de Gn 1,1–2,4a a partir da realidade do povo negro quer ser uma contribuição para a reconstrução de nossa história. Sabemos que ainda é preciso avançar muito, principalmente no que se refere a uma leitura da Bíblia a partir da realidade indígena.

A Palavra é fecunda e transformadora quando diz algo às realidades concretas de hoje; quando é luz no caminho e na busca de dias melhores, quando é força na luta por uma sociedade mais justa e fraterna.

A Palavra encarnada na vida do povo negro no atual contexto fala, sobretudo, à grande maioria de homens e mulheres afro-descendentes, que geração após geração foram relegados aos espaços das favelas, a uma vida miserável, privados das oportunidades, de uma educação, lazer e trabalho dignos.

É o grito de pobres que continuam sendo massacrados e espoliados pelo rolo compressor do sistema capitalista, como meros instrumentos usados na finalidade de obter o lucro para uma pequena elite que monopoliza e desfruta das oportunidades e benfeitorias do sistema atual.

É texto na vida e a vida no texto, fortalecendo os passos, animando os sonhos, reavivando a memória da libertação e re-encantando a esperança.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000.

CORDEIRO, Maria José de J.A. As diferenças culturais e a educação na (re)construção da identidade étnico-racial. I Seminário Internacional *Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão – Práticas Educativas num Contexto Intercultural*. Campo Grande, MS. UCDB: Publicado no CD – ISBN 7598-108-0 agosto de 2006.

18. SOUZA, Ezequiel de; ALMEIDA, Hênio S. de. Por que falar de raízes afro-asiáticas da Bíblia. In: *Bíblia e Negritude, pistas para uma leitura afro-descendente*. São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 60-61.

19. REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni R. *Tempos de Graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999, p. 46.

GASS, Ildo Bohn (org). *Exílio Babilônico e dominação Persa*. 2ª ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, V. 5, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

REIMER, Haroldo. *Toda a Criação*. São Paulo: Oikos, 2006.

REIMER, Ivoni R. *Tempos de Graça: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança*. Meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989.

SILVA, Sílvia Regina de L. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: *Negra sim, Negro sim, como Deus me criou, leitura da Bíblia a partir da Perspectiva da Negritude*. São Leopoldo: CEBI, 2006.

SOUZA, Ezequiel de; ALMEIDA, Hênio S. de. Por que falar de raízes afro-asiáticas da Bíblia. In: *Bíblia e Negritude, pistas para uma leitura afro-descendente*. São Leopoldo: CEBI, 2005.